

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM  
CAMPUS VALE DO RIO MADEIRA – CVRM  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO AGRICULTURA E AMBIENTE -IEAA  
CURSO DE PEDAGOGIA

**EDUCAÇÃO DO CAMPO: UM ESTUDO DA ESCOLA MUNICIPAL PROF<sup>a</sup>  
MARLUCE DE CARVALHO LOBATO DE SOUZA**

Humaitá-AM  
2020

ERILENE GUERREIRO DO NASCIMENTO

**EDUCAÇÃO DO CAMPO: UM ESTUDO DA ESCOLA MUNICIPAL PROF<sup>a</sup>  
MARLUCE DE CARVALHO LOBATO DE SOUZA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado a Universidade Federal do Amazona (UFAM), Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (IEAA), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia. Orientadora: Professora Dra. Eulina Maria Leite Nogueira.

Humaitá-AM  
2020

### Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

N244e Nascimento, Eriene Guerreiro  
Educação Do Campo: Um Estudo Da Escola Municipal Profª  
Marluce De Carvalho Lobato De Souza / Eriene Guerreiro  
Nascimento . 2020  
43 f.: il.; 31 cm.

Orientadora: Eulina Maria Leite Nogueira  
TCC de Graduação (Licenciatura Plena em Pedagogia) -  
Universidade Federal do Amazonas.

1. Educação do Campo. 2. Valorização do Espaço. 3. Práticas  
Pedagógicas . 4. Estudo. I. Nogueira, Eulina Maria Leite. II.  
Universidade Federal do Amazonas III. Título

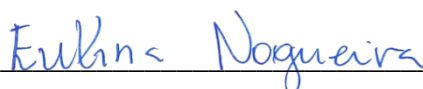
ERILENE GUERREIRO DO NASCIMENTO

**EDUCAÇÃO DO CAMPO: UM ESTUDO DA ESCOLA MUNICIPAL PROF<sup>a</sup>  
MARLUCE DE CARVALHO LOBATO DE SOUZA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) submetido a Comissão Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Pedagogia em 05/12/2020 como requisito parcial para obtenção de Título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em 05 de dezembro de 2020.

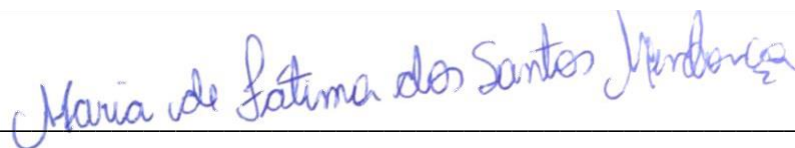
BANCA EXAMINADORA



\_\_\_\_\_  
Orientadora: Professora. Dra. Eulina Maria Leite Nogueira



\_\_\_\_\_  
Membro: Angela Maria Gonçalves de Oliveira



\_\_\_\_\_  
Membro: Maria de Fátima dos Santos Mendonça

## AGRADECIMENTOS

- ❖ Agradeço primeiramente a DEUS, pelo dom da vida. Muita gratidão JESUS por me proporcionar forças para superar os momentos difíceis e vencer os obstáculos que surgiram durante todo esse percurso desde o dia que adentrei a faculdade, por ter me sustentado até aqui, todo mérito e gratidão ao senhor, pois tudo na minha vida é misericórdia, graças e amor de Deus. E obrigada a mim mesma também, por ter me mantido firme e não ter desistido todas as vezes que pensei.
- ❖ Agradeço ao meu pai Edvaldo Soares, sinal de resignação, generosidade e honestidade. E por todas as vezes que foi me deixa e me busca na faculdade. Minha mãe Antônia Guerreiro sempre me abençoando e cuidando de mim e me incentivado.
- ❖ Às minhas irmãs Cleide Guerreiro e Grete Guerreiro pelo apoio nesses 4 anos de faculdade. Ao meu irmão Joel Guerreiro por toda cumplicidade.
- ❖ Meu cunhado Arthur Vinhork por sempre contribui nessa trajetória, meu muito obrigada.
- ❖ Aos meus três sobrinhos Hiago, Hugo e Isis Eloá que são sinal de amor e alegria na minha vida, e meu gato de estimação nino por todo afeto.
- ❖ As minhas duas Maria que eu tive oportunidade de conhece e ter ensinado e aprendido ao mesmo tempo nas aulas de reforço, e por todos elogios e os “eu te amo” nos dias que eu estava extremamente cansada.
- ❖ Agradeço aos meus amigos, Mikael lemos, Natalia Gomes e Daniel Fernandes que não se afastaram de mim quando eu me fiz distante, vocês contribuíram valiosamente nessa trajetória. Obrigada pelas palavras de encorajamento e apoio.
- ❖ A minha amiga Neta rosas, por ter compartilhado alegrias e choros no banheiro da faculdade em final de período, o seu companheirismo significou muito na minha trajetória acadêmica.
- ❖ Ao Wyllyam Gomes por ter vindo do Pará para Humaitá e ter me ensinado e compartilhado muitas aprendizagens e histórias juntos.
- ❖ Agradeço em especial meu querido amigo de longa data e dupla dos trabalhos da faculdade Agelson Façanha, por ter passado muitas manhãs, tardes e noites estudando e dado forças um para o outro, obrigada de verdade por todo companheirismo e amizade.
- ❖ Agradeço a minha amiga Luciana Teixeira por ter ficado sempre do meu lado, pela amizade tão bonita que construímos nessa jornada e por ter se feito tão presente e por sempre me coloca em suas orações.

- ❖ E por fim a minha orientadora Eulina, competente, paciente, criterioso, e a que me fez despertar o meu interesse pela Educação do Campo, a quem respeito e admiro muito.

“Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática (PAULO FREIRE)

Esta pesquisa tem por finalidade um estudo sobre a formação dos alunos e na valorização no espaço dos alunos no contexto de uma escola do campo que se encontra localizada em um assentamento no município de Humaitá-AM, tendo em vista os aspectos pedagógicos, os desafios encontrados pelos profissionais da educação do campo que atuam nessa escola em relação a estrutura física, pedagógica, administrativa e como é abordado o meio ambiente nas aulas. Temos como abordagem a pesquisa qualitativa, onde baseou-se nos estudos de Minayo (2009). Os instrumentos de coleta de dados foram a registros através de fotos, dados documentais e entrevista via WhatsApp, pois não só o nosso município de Humaitá, mas o país e o mundo vivem o efeito de uma pandemia de covid-19, também não foi possível fazer as observações diretas. Os participantes da pesquisa foram quatro (4) professores e uma (1) Pedagoga da escola. Portanto, essa temática partiu da seguinte questão, na necessidade de analisar como funciona a formação dos alunos do campo e a valorização do seu espaço. Neste sentido, essa pesquisa teve como objetivo geral analisar a formação dos alunos do campo e na valorização do seu espaço no tempo e modelo de currículo que possibilita o crescimento. Levando em consideração a importância de uma educação pensada e praticada para as crianças do campo em todos os aspectos. Mais especificamente buscamos, compreender o contexto dos camponeses; conhecer suas práticas pedagógica e sua relação com o meio ambiente.

**Palavras-chave:** Educação do Campo, Valorização do Espaço, Práticas Pedagógicas



## Sumário

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1.INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>10</b> |
| <b>2. CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL.....</b>   | <b>12</b> |
| <b>2.2 Educação do campo no Estado do Amazonas.....</b>  | <b>16</b> |
| <b>2.3 Educação do campo no município de Humaitá-AM .....</b>  | <b>17</b> |
| <b>3. PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>  | <b>23</b> |
| <b>3.1 Participantes da Pesquisa .....</b>   | <b>25</b> |
| <b>4. ESCOLA DO IPIXUNA: UM ESTUDO CRÍTICO DA REALIDADE ESCOLAR</b>  | <b>26</b> |
| <b>4.1 Contexto da Pesquisa .....</b>  | <b>26</b> |
| <b>4.2 Estrutura da Escola.....</b>  | <b>26</b> |
| <b>4.3 Práticas Pedagógica na Escola Municipal Prof<sup>ª</sup> Marluce de Carvalho Lobato de Souza ..</b> | <b>29</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>  | <b>43</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como foco a educação do campo e busca refletir uma proposta educacional voltada para população que vivem no espaço rural, valorizando suas identidades culturais e destacando a importância do lugar para o contexto global. Faz-se indispensável que os educadores e educadoras que residem e lecionam em escolas localizadas no meio rural, considerem o campo como um espaço importante para o contexto social, onde se encontram saberes acumulados e fecundos de sentidos e por isso devem ser valorizados no processo de ensino e aprendizagem.

Essa temática partiu da seguinte questão, a necessidade de analisar como funciona a formação dos alunos do campo e a valorização do seu espaço. Neste sentido, esta pesquisa teve como objetivo geral analisar a formação dos alunos do campo e na valorização do seu espaço no tempo e modelo de currículo que possibilita o crescimento. Levando em consideração a importância de uma educação pensada e praticada para as crianças do campo em todos os aspectos.

O interesse desta temática surgiu através de um minicurso intitulado “Educação do Campo” desenvolvido pelo curso de letras da UFAM, que foi ministrado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eulina Maria Leite Nogueira, que hoje é a minha orientadora, a partir deste momento e me despertou a curiosidade por esse assunto. No período seguinte busquei conhecer mais sobre essa temática e fiz uma disciplina optativa *Educação do Campo e Práticas Educativas*, Tive a oportunidade de visitar uma escola do campo em uma das aulas práticas que a disciplina oportunizou, qual pude aprender muito com a disciplina e as observações que fizemos a escola, então surgiu o interesse em conhecer a realidade da escola da comunidade Santa Maria auxiliadora pelo fato dos meus pais terem vindo e estudado os seus poucos anos de ensino regular no campo e por estarem atualmente morando na comunidade que realizei a pesquisa e por eu conviver com aquele contexto. Então procurei a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eulina Maria Leite Nogueira a qual mesmo sem saber me despertou um grande gosto e curiosidade sobre a temática de educação do campo, a mesma aceitou ser minha orientadora nesse estudo.

Para atingirmos este objetivo elencamos os seguintes objetivos específicos: compreender o contexto dos camponeses; conhecer suas práticas pedagógicas e sua relação com o meio ambiente.

O *locus* da pesquisa foi a escola Municipal Prof<sup>a</sup> Marluce de Carvalho Lobato de Souza, que se encontra localizada na comunidade Santa Maria Auxiliadora, que faz parte do Projeto de Assentamento, localizado a mais ou menos 40 km de distância da sede do município de Humaitá. Esta escola atende alunos do ensino fundamental I e II e a EJA. Para nortear o desenvolvimento desta pesquisa optamos por uma metodologia de cunho qualitativa, pois a mesma responde as questões sociais que permeiam a vida do Homem em sociedade

Este Trabalho de Conclusão de Curso está estruturado da seguinte forma: 1<sup>a</sup> seção apresentamos essa breve introdução. Em seguida teremos a 2<sup>a</sup> seção intitulada CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL, onde apresentamos o contexto histórico da educação do campo no Brasil, no estado do Amazonas e no município de Humaitá. Na 3<sup>a</sup> seção apresentaremos o Percorso Metodológico, no qual enunciamos toda a metodologia aplicada nesta pesquisa. Na 4<sup>a</sup> seção intitulada ESCOLA DO IPIXUNA: UM ESTUDO CRÍTICO DA REALIDADE ESCOLAR será apresentado e analisado os dados da pesquisa e, por fim, será apresentado as considerações finais e Referências bibliográficas.

## **2. CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL**

Nesta seção será abordado a educação do campo no Brasil, no estado do Amazonas e no município de Humaitá, através de um breve histórico enfocando a educação do campo e suas políticas, dentro disso trazendo em discussão assuntos tais como, cultura, material pedagógico, calendário escola, multisseriados, merenda, dificuldades como por exemplo violência no campo, professores sem nenhuma formação, pouco acompanhamento pedagógico e entre outros. Ainda dentro dessa seção será apresentado como vem se mostrando o currículo para as escolas do campo em seus avanços e retrocessos.

### **2.1 Educação do Campo no Brasil: breve histórico**

A educação no Brasil é marcada por diversos acontecimentos e é composta de avanços e retrocesso, desde a época da chegada dos portugueses em território brasileiro onde a educação destinada a população mais pobre não era considerada uma prioridade.

Somente, por volta do meado do século XX, que a educação para os camponeses começa a ser vinculada na pauta governamental, pois o êxodo rural ocasionado pela falta de estrutura para a sobrevivência do homem no campo, tanto em relação as questões econômica como a questão educacional, provoca uma saída em massa para os centros urbanos e provoca problemas sociais que afetam diretamente a classe burguesa.

A educação destinada ao trabalhador do campo passa por vários momentos que são influenciadas pelas tendências pedagógicas conforme cada período histórico. A educação brasileira, marcada pelos altos índices de analfabetismo, repetência e evasão confirma a grande parcela de excluídos, que na maioria são os sujeitos da classe popular. Ao considerar estes fatores, pode-se afirmar que com a Educação do Campo não foi diferente.

Os sujeitos do campo, quando tinham acesso à escola, era apresentada nos mesmos moldes dos espaços urbanos, sem considerar o contexto, a cultura e os saberes destes povos e através de uma conversa informal com meus pais me deparei com um modelo de ensino que é pouco citado por autores e que me causou uma grande curiosidade que o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), na qual foi implementada pela Lei nº 4.024/61, primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que mais tarde, com a Lei 5.379/67 veio surgiu o MOBREAL no qual tinha como foco os jovens e adultos, por causa do alto índice de analfabetismo na época, o MOBREAL nada mais era que práticas e técnicas de ler, escrever

e contar. Deixando-os aptos para o mercado de trabalho, porém com conteúdo acrítico e material padronizado. Era disponibilizado os livros e cada aluno era responsável pela sua aprendizagem, caracterizando-se como um modelo muito individualista.

É importante salientar que um dos marcos históricos para os camponeses foi a superação do paradigma da concepção de educação rural para a concepção de educação do campo. Em que a primeira se constitui em um mecanismo de dependência e alienação, tanto que os camponeses eram vistos como uns “coitadinhos” e se fazia referente a localização e caracterizado por atraso e escassez políticas específicas, enquanto a segunda se constitui no protagonismo dos camponeses. Surgindo assim, a necessidade de mudança de conceito e currículo, e passou de educação rural para educação do/no campo e só foi possível com os movimentos sociais que ganhou muito espaço nos últimos anos. Dessa forma,

A Educação do Campo nasceu como mobilização/pressão de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas: nasceu da combinação das lutas dos Sem Terra pela implantação de escolas públicas nas áreas de Reforma Agrária com as lutas de resistência de inúmeras organizações e comunidades camponesas para não perder suas escolas, suas experiências de educação, suas comunidades, seu território, sua identidade (CALDART, 2012, p.15).

A educação do campo é marcada por luta dos camponeses, pelo o direito à terra, a educação, a saúde, enfim está ligado a democracia e concebida como espaço de vida e de resistência, de possibilidades de desenvolvimento seja social, econômico ou cultural, não é apenas o contrário de urbano. Como costumava ser vista em todas as partes do Brasil. Os mesmos têm e dever lutar por políticas públicas e garantir que povo do campo tenha uma educação que seja no e do campo. Como afirma Caldart (2009) *no* se refere a educação no lugar aonde se vive e *do* se refere a uma educação articulada com o lugar e a cultura e suas necessidades. Ou seja, um currículo que seja feito e pensando para os que vive no campo.

A proposta de um currículo diferenciado é uma necessidade para educação do campo, porque tem a preocupação de proporcionar a formação sem desvincular o aluno do campo. Ou seja, uma educação ligada inteiramente à vida, ao trabalho, cultura, política e a cidadania, nesse contexto se faz indispensável ser repensada as práticas pedagógicas nas escolas do campo.

No atual momento, os movimentos sociais defendem que o campo é mais que uma concentração espacial geográfica. É o cenário de uma série de lutas e embates políticos. É ponto de partida para as reflexões sociais. Uma vez que os próprios camponeses tenham conquistado cada vez mais seus direitos através de movimentos. Não se pode falar da educação do campo sem menciona as lutas dos camponeses e seus movimentos em busca dos seus direitos. Assim,

O movimento social no campo representa uma nova consciência do direito à terra, ao trabalho, à justiça, à igualdade, ao conhecimento, à cultura, a saúde e à educação. O conjunto de lutas e ações que os homens e mulheres do campo realizaram, os riscos que assumem, mostra quanto reconhecem sujeitos de direitos (ARROYO, 2004, p. 73).

Pode se percebe há uma dívida histórica com a população do campo. As lutas sociais são movimentos encontrados pelos camponeses como forma de protestar o sentimento de descaso, que persiste há décadas no que se refere às políticas públicas voltado para o campo.

Embora a educação do campo como movimento, compreendido como luta, é recente no Brasil, nos traz em sua bagagem, disputas históricas contra os processos de exclusão social e reflexões tanto epistemológicas quanto políticas, pois implica não somente na busca por um direito básico, mas o acesso a um espaço estratégico de luta social.

A Educação do Campo é um conceito cunhado com a preocupação de se delimitar um território teórico. Nosso pensamento é defender o direito que uma população tem de pensar o mundo a partir do lugar onde vive, ou seja, da terra em que pisa, melhor ainda: desde a sua realidade. Quando pensamos o mundo a partir de um lugar onde não vivemos, idealizamos um mundo, vivemos um não lugar. Isso acontece com a população do campo quando pensa o mundo e, evidentemente, o seu próprio lugar a partir da cidade. Esse modo de pensar idealizado leva ao estranhamento de si mesmo, o que dificulta muito a construção da identidade, condição fundamental da formação cultural. (FERNANDES, 2002, p. 67).

Historicamente os sujeitos do campo sempre foram alvo do abandono e do descaso por muito tempo, principalmente a respeito à educação na qual as políticas públicas não consideravam os interesses dos camponeses, o que muitas vezes restava a estes sujeitos era a escola da fazenda, onde era reproduzida a educação destinada ao meio urbano, Servindo apenas à manutenção do sistema social vigente e apesar de toda suas conquistas ainda é possível se depara com escolas usando currículos destinado a escola urbanas na zona rural.

O projeto institucional das escolas do campo, expressão do trabalho compartilhado de todos os setores comprometidos com a universalização da educação escolar com qualidade social, constituir-se-á em um espaço público de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o

mundo do trabalho, bem como para o desenvolvimento social, economicamente justo e ecologicamente sustentável (CALDART, 2004, p. 2012).

As primeiras referências de movimentos da educação voltada para os povos do campo, foram por volta de 1997 na qual foi marcada data pela realização do I PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária). Que foi através de uma reunião entre movimentos sociais do campo e várias instituições e trazem como objetivo a discussão sobre a importância da escola, dos processos educativos formais, na configuração dos espaços de vida no campo.

Antes disso, falar em Educação do Campo implicava fazer referência a luta pela terra, onde desde o início da década de 1980 trabalhadores rurais reivindicam uma escola pública em cada novo assentamento ou acampamento da Reforma Agrária. É a partir da segunda metade da década de 1990 que o Movimento Sem Terra (MST), e pouco depois, algumas organizações sindicais e movimentos sociais trazem a educação escolar como ponto de pauta de suas lutas.

A proposta de educação do MST e sua prática pedagógica pode ser entendida como prática social, pois se apresenta como um “processo de formação humana e definições de objetivos, conteúdos e metodologias com sustentação em teorias educacionais que podem levar à emancipação ou a conformação” (SOUZA, 2006, p.24).

Na década de 1950 e 1960 surgem alguns movimentos de educação inspirados em Paulo Freire e chegou até a integrar um plano nacional de alfabetização, só que mais tarde foi interrompido pelo golpe militar de 1964 que o Brasil vivenciou, como já vinha citado acima a educação do campo é marcada por progresso e retrocesso e de muita resistência.

Na Constituição Federal de 1988 pode-se perceber algum avanço, como trata o Art. 205, “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família [...]” (BRASIL, 2010, p.136) pode-se observar como o processo de escolarização no Brasil enfrentou, além de alguns sucessos mas também do descaso das autoridades, um claro abandono dos sujeitos, historicamente excluídos deste processo, servindo a lógica da exploração e manutenção social. Uma vez que constava claramente na constituição mais não era aplicada.

As lutas por educação de qualidade fizeram surgir novas possibilidades pensadas e geridas pelos trabalhadores camponeses, movimentos sociais do campo e instituições. A pensarem e lutarem por seus direitos e que não, era apenas o da terra, mas também direito as políticas públicas e levando em consideração a sua origem.

Aos poucos os camponeses vêm demonstrando a superação da visão de inferioridade da vida no campo, valorizando o espaço com a sua cultura. Os Movimentos sociais, tem um papel importante na Educação do Campo, pois por meio das lutas buscam que sua identidade campesina seja reconhecida.

## **2.2 Educação do campo no Estado do Amazonas**

Quando pensamos na educação do campo referente ao Estado do Amazonas também temos que pensar nas diversidades de culturais de cada povo que vive nessa região. A educação do campo no Amazonas vem ser complexa e mostrar-se característica relacionada ao modo de viver dos povos, é importante essas características pois, reafirmam trações da identidade amazônica e quando pensamos em um currículo deve se levar em consideração todos esses fatores e políticas públicas que possam considera também. Pois, consideramos que

A educação do campo se identifica pelos seus sujeitos: é preciso compreender que por trás da indicação geográfica e da frieza dos dados estatísticos está uma parte do povo brasileiro que vive neste lugar e desde as relações sociais específicas que compõem a vida no e do campo, em suas diferentes identidades e em sua identidade comum, estão pessoas de diferentes idades, estão famílias, comunidades, organizações, movimentos sociais. (CALDART, 2002, p. 27).

Ainda nos dias atuais as políticas públicas de educação do campo não são pensadas inteiramente nos valores e as necessidades das crianças, mulheres e homens no seu próprio espaço que habitam e é importante essa identificação. Uma vez que a concepção de educação do campo no Amazonas e suas propostas pedagógicas basear-se nos resgates dos saberes dos povos que nele abitam, sejam eles, ribeirinhos, pescadores, extrativistas etc.

Mas ainda se encontra muitas dificuldades, como falta de professores formados nas diversas áreas do conhecimento, falta de infraestrutura, problemas com transportes escolar, currículo fora da realidade dos estudantes e entre outras barreiras que comunidades rurais e assentamentos do estado do Amazonas vem enfrentados nos últimos anos.

Quando falamos ou pensamos nessa educação do campo no Amazonas, nós temos que está inteiramente ligada a ela, pensar e estar envolvida com essa modalidade de ensino. É importante se questionar quem são os sujeitos do campo, seja do estado do Amazonas ou de qualquer outro lugar, pois assim vamos estar buscando conhecer a história, sua especificidade e suas resistências.



Antes de tudo eu escolhi essa abordagem não apenas por curiosidade ou para analisar as práticas pedagógicas de uma mera escola, mais por todo o envolvimento que tenho com a comunidade Maria Auxiliadora-Ipixuna e afinidade com pessoas que moram ali e principalmente meus pais que cresceram no campo, embora tenha sido em um outro, interior do Amazonas, mais hoje eles vivem no Ipixuna e consigo ver a realidade que eles e tantos outros vivem.

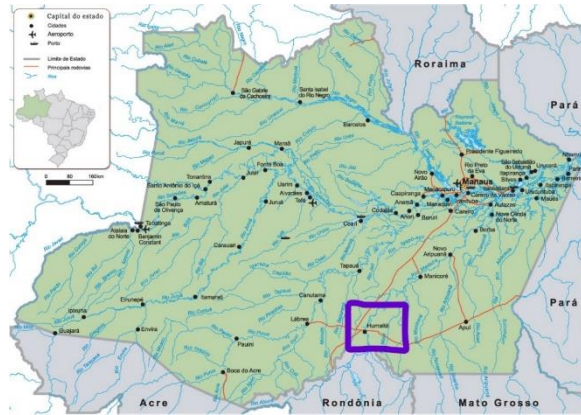
Diante disso acredito que o professor, particularmente do campo, tem que estar envolvido na comunidade, tem que ser o primeiro a acreditar que é possível obter uma educação voltada para atender as necessidades da população do campo, eles têm que buscar ressaltando que os mesmos são sujeitos ativos na sociedade. Estudar as experiências dos povos do campo em prol da escola do campo colabora com o estudo de História da Educação em um sentido amplo.

Neste sentido, tenho a pretensão de demonstrar evidências do protagonismo dos movimentos sociais e sindicais do campo com suas múltiplas formas de pensar e experimentar uma certa realidade social, para os mesmos ter conhecimento o quanto são importante em meio a sociedade. Nos tópicos seguintes vamos nos aprofundar mais nos nossos objetivos de pesquisa e fala um pouco referente ao nosso município e conseqüentemente o assentamento que é para onde é voltado o nosso estudo.

### **2.3 Educação do campo no município de Humaitá-AM**

O município de Humaitá, também conhecida como “princesinha do madeira”, por está localizada à margem esquerda do rio Madeira, sentido Manaus-AM, na qual pertence à mesorregião sul do Amazonas. É composta por uma população diversificada, dentre elas estão os ribeirinhos, pescadores, caboclo, povos indígenas, extrativistas e assentados. O mapa a seguir na figura 1 traz a localização de Humaitá:

Figura 1- Localização do município de Humaitá-AM no estado do Amazonas:



Fonte: Guia Geográfico: Mapas do Brasil (2020)

O município de Humaitá é composto por diversos agrupamentos humanos que são conhecidos como “interior” ou “comunidades” que são os povos do campo que vivem nas margens dos rios e igarapés ou nas estradas. Este município possui 58 escolas nessas comunidades incluído uma (1) conhecida como “Balsa Escola”.

Figura 2- Balsa escola.



Fonte: [www.google.com.br](http://www.google.com.br)

Escola Municipal Rural “Osmarina Melo de Oliveira”, segundo o histórico da escola disponibilizado pelo gestor, escola foi fundada no dia 13 de agosto de 2016, por meio do projeto do então prefeito da Cidade de Humaitá-AM, José Cidenei Lobo do Nascimento tendo como seu vice-prefeito Herivâneo Vieira de Oliveira e Secretaria Municipal de Educação, a professora Jucineth de Jesus S. de Oliveira.

A escola é uma homenagem à mãe do governador José Melo, onde o Dedei Lobo pronunciou-se dizendo que foi fundamental o apoio do governador para a realização desta

conquista. A escola construída no ano de 2016, atende uma demanda razoável de alunos de 17 comunidades ribeirinhas de Humaitá-AM.

É importante ressaltar que a educação no município de Humaitá fica sob responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), que tem a função de fornecer as escolas tanto do campo como urbana, recursos financeiros necessários para mantê-las ativas, e é responsável por executar políticas e programas educacionais que possam contribuir para o desenvolvimento da educação em Humaitá. Atualmente a SEMED possui 9 escolas municipais localizadas na zona urbana e 58 escolas localizadas na zona rural, isso demonstra a grande necessidade de atendimento à população do campo.

As escolas do campo se encontram distribuídas em vários polos, na qual algumas são conhecidas como “Escola da Estrada” que ficam localizada ao longo das Rodovias e vicinais, e as “Escola Ribeirinha” que são todas localizadas ao longo de rios e igarapés. Como já vinha citado, fica visível no quadro a baixo embora os dados ainda são de 2019, por causa da pandemia não houver aula e os dados do ano letivo de 2020 não foram atualizados até o presente momento, por tanto os dados abaixo são referentes 2019.

**Quadro 1** - Número de escolas localizadas no campo no município de Humaitá no ano de 2019

| Polos         | Polo I | Polo II | Polo III | Polo IV | Polo V | Polo VI | Polo VII | Polo VIII | Polo IX | Polo X | Total |
|---------------|--------|---------|----------|---------|--------|---------|----------|-----------|---------|--------|-------|
| Nº de Escolas | 7      | 8       | 5        | 7       | 5      | 1       | 7        | 4         | 7       | 7      | 58    |
| Nº de alunos  | 118    | 333     | 275      | 210     | 321    | 175     | 312      | 407       | 458     | 907    | 3.516 |

Fonte: SEMED/2019

Como podemos constatar a SEMED dispõe de uma coordenação específica para a Educação do Campo que é distribuída em 10 polos, considerando do polo I ao IX são as escolas ribeirinhas e o polo X abarca as escolas das rodovias e vicinais. O polo X é o que apresenta o maior número de alunos, quase todas as escolas estão localizadas em assentamentos rurais.

No próximo quadro apresenta todas as escolas do campo no município de Humaitá-AM e a sua localidade mais especificamente.

**Quadro 2:** Escolas distribuídas por polos e suas localidades

| <b>Polos</b>     | <b>Escolas</b>              | <b>Localidades</b>       | <b>Nº de alunos</b> |
|------------------|-----------------------------|--------------------------|---------------------|
| I                | Edmee Brasil                | Mirari- Rio Madeira      | 36                  |
|                  | Santo Antônio               | Ilha do Tambaqui         | 22                  |
|                  | Aurea Stela Mariúba Marques | Barreira do Tambaqui     | 11                  |
|                  | Zamee Brasil                | Sossego                  | 08                  |
|                  | Nossa Senhora das Dores     | Flexal- Rio Madeira      | 11                  |
|                  | São Miguel                  | Barro Vermelho           | 11                  |
|                  | São Jorge                   | Paraiso Grande           | 19                  |
| II               | <b>Escolas</b>              | <b>Localidades</b>       | <b>Nº de alunos</b> |
|                  | Santa Rosa                  | Santa Rosa – Rio Madeira | 127                 |
|                  | Domingos Ribeiro            | Namour- Rio Madeira      | 28                  |
|                  | São Miguel                  | São Miguel – Rio Madeira | 123                 |
|                  | Nossa Senhora Aparecida     | Puruzinho – Rio Madeira  | 29                  |
|                  | Nova Esperança              | São Paulo – Rio Madeira  | 07                  |
|                  | Santa Rita                  | Pacoval – Rio Madeira    | 14                  |
|                  | Joaquim Gomes               | Lago de Três Casas       | 08                  |
| III              | <b>Escolas</b>              | <b>Localidades</b>       | <b>Nº de alunos</b> |
|                  | João da Cruz                | Muanense                 | 192                 |
|                  | Júlio da Mota               | Pirapitinga              | 41                  |
|                  | Helena Sofia                | Escapole                 | 12                  |
|                  | Santa Luzia                 | Retiro                   | 21                  |
| IV               | Claudino Coelho de Castro   | Cintra                   | 09                  |
|                  | <b>Escolas</b>              | <b>Localidades</b>       | <b>Nº de alunos</b> |
|                  | São João Bosco              | Carará - Rio Madeira     | 94                  |
|                  | Nossa Senhora Aparecida     | Tabuleta - Rio Madeira   | 13                  |
|                  | São Roque                   | Vila de Carapanatuba     | 31                  |
|                  | Santa Rita                  | Lago de Carapanatuba     | 20                  |
|                  | Nossa Senhora dos Aparecida | Malvina - Rio Madeira    | 21                  |
| Rio Madeira      | Juma de Gethal              | 06                       |                     |
| Irmã Clara Jacob | Prainha                     | 25                       |                     |
|                  | <b>Escolas</b>              | <b>Localidades</b>       | <b>Nº de alunos</b> |

|               |                                  |                                  |                      |
|---------------|----------------------------------|----------------------------------|----------------------|
| V             | Maria do Carmo Ferreira          | Santa Luiza - Lago Antônio       | 121                  |
|               | São Francisco                    | São Francisco- Lago Antônio      | 42                   |
|               | Igarapé Grande                   | Betel - Lago do Antônio          | 31                   |
|               | Manoel Tiago Ferreira            | Indianópolis                     | 93                   |
|               | São Bernardino                   | Vila Riça – Lago do Antonio      | 34                   |
| VI            | <b>Escolas</b>                   | <b>Localidades</b>               | <b>Nº de alunos</b>  |
|               | Osmarina Melo de Oliveira        | Tapuru - Rio Madeira             | 175                  |
| VII           | <b>Escolas</b>                   | <b>Localidades</b>               | <b>Nº de alunos</b>  |
|               | Marly Lobato Nery                | Bom Futuro                       | 76                   |
|               | Jefferson Peres                  | Vila Nova dos Baianos            | 14                   |
|               | São Raimundo                     | Paraná do São Raimundo           | 19                   |
|               | São Raimundo                     | São Raimundo                     | 15                   |
|               | Pe. Luiz Bernardes               | Descanso                         | 99                   |
|               | Didi Breves                      | Terra Preta - Lago do Acará      | 06                   |
|               | José Menezes Tiúba               | Santa Civita - Lago do Acará     | 83                   |
| VIII          | <b>Escolas</b>                   | <b>Localidades</b>               | <b>Nº de alunos:</b> |
|               | São Domingos Sávio               | Distrito de Auxiliadora          | 346                  |
|               | Bom Samaritano                   | Santa fé                         | 25                   |
|               | Dom Bosco                        | Escondido - Rio Marmelo          | 20                   |
|               | Santa Luiza                      | Santa Luzia                      | 16                   |
| IX            | <b>Escolas</b>                   | <b>Localidades</b>               | <b>Nº de alunos</b>  |
|               | Cristo Rei                       | Cristo Rei - Lago Uruapiara      | 280                  |
|               | São Benedito                     | Jacundá - Lago Uruapiara         | 44                   |
|               | Santa Barbará                    | Santa Maria- Lago Uruapiara      | 17                   |
|               | Jesus de Nazaré                  | Santo Antônio – Lago- Uruapiara  | 20                   |
|               | Divino Espirito Santo            | Novo Centenário -                | 30                   |
|               | Nossa Senhora do Rosário         | Floresta                         | 51                   |
| São Francisco | Centro Comercial                 | 16                               |                      |
|               | <b>Escolas</b>                   | <b>Localidades</b>               | <b>Nº de alunos</b>  |
|               | Manoel de Oliveira Santos        | Realidade - Br 319, km 100       | 477                  |
|               | Catarinos                        | Br 319, km 200 (Humaitá- Manaus) | 14                   |
|               | Marluce Lobato Carvalho de Souza | Br 230, Km 40 (Humaitá - Lábrea) | 104                  |

|   |  |                                       |     |
|---|--|---------------------------------------|-----|
| X | Marluce Lobato Carvalho de Souza anexo | Br 230, km 70 (Humaitá - Lábrea)      | 40  |
|   | Maicizinho                             | Br230, Km 45 (Humaitá - Apuí)         | 42  |
|   | José de Souza Mota                     | Br 230, Km 19 (Humaitá - Apuí)        | 90  |
|   | Antonieta Ataíde                       | Br 319, Km 55 (Humaitá – Porto Velho) | 140 |

Fonte: SEMED/2019

Como podemos observar de acordo com os dados acima a escolas no polo X (escolas das estradas) que são formadas por sete (7) escolas, tem o maior número de alunos, com 907 matriculados no ano de 2019, é neste polo que se encontra a escola que realizamos o nosso estudo.

A educação do campo em Humaitá ainda sofre por não possui um currículo pensado e discutido diretamente com a população que vive no campo, pois muitas vezes o currículo está muito voltado para a realidade da escola urbana e apenas o calendário escolar é adaptado e modificado para atender as necessidades da população do campo. Uma vez que o currículo necessita que esteja interligado com a realidade dos camponeses, tendo em vista os dois modelos de escolas do campo que o município de Humaitá possui, então não podemos deixar de pensa em currículo sem leva em conta essas características, porque também se concebe um único currículo para todas as escolas do campo do município.

Tendo em vista também que a escolas do campo deve corresponder a necessidade da formação integral dos indivíduos do campo, é necessário garantir o acesso a todos os níveis e modalidades dos ensinos seja eles a educação infantil, ensino fundamental, médio ou EJA.

A educação do campo em Humaitá tem as suas problemáticas ainda relacionada a merenda escola, pois vem muito enlatados, produtos industrializados como biscoitos, salsicha, conservar e entre outros. Acabam que não oferecem uma alimentação de qualidade é saudável aos alunos, não valorizam a riqueza que o campo oferece com seus agricultores e pescadores do próprio espaço, poderiam aproveita e ser fornecido do próprio local aonde vivem.

Em questão ao transporte ele é oferecido pela SEMED, para as escolas ribeirinhas eles usam lanchas e barcos de pequenos portes para busca alunos e professores e leva até a escola destinada, porem o transporte usado não é o padrão, em Humaitá esse serviço de transporte para as escolas ribeirinhas são terceirizadas e possível facilmente ser observado nos portos que as crianças vão sem colete-salva-vida, vão só com o motorista na maioria das vezes e acabam que esse transporte não traz segurança nenhuma e o transporte terrestre que são usados são ônibus e van que geralmente são veículos velhos com pouca manutenção e as crianças não costumam

usar cintos de segurança e nem sempre o próprio transportem oferece. E acabam sendo um grande risco para segurança das crianças, professores e do próprio motorista. E ambos transportes não o padrão geralmente.

Sobre formação de professores em Humaitá já teve uma política de formação de professores os concursos públicos e seletivos ofertados pela prefeitura exigir formação em licenciatura, mais atualmente ainda tem professores no campo sem uma formação ou sem a formação adequada para seu cargo. Em relação ao salário, os professores do campo recebem o mesmo que um professor urbano, uma vez que o professor do campo acaba que tendo que se deslocar, encontra moradia e busca a sua alimentação e poderia ser proposto um acréscimo no salário por essa dificuldade.

O currículo escolar não é adequando para educação do campo, pois é o mesmo currículo das escolas urbana, então contraria todas as normais e resoluções que falam da adequação para as escolas do campo, a única coisa que faz uma “certa” adequação é o calendário escola por causa das chuvas e com isso causam as cheias amazônicas e as estradas que ficam com um difícil acesso.

Quando se trata de infraestrutura, não podemos deixar de resalta o quanto a infraestrutura das escolas apresenta melhorias, hoje tem escolas do campo que possui desde ar condicionado nas salas de aula e o wifi, que é de grande importância para os que ali trabalham e estudam, uma grande parte da escola são de alvenaria, possuem banheiros dentro da escola e são consideradas boas, embora algumas possuem salas pequenas.

Mais ainda tem muito a ser melhorado, embora aos poucos os camponeses vêm demonstrando a superação da visão de inferioridade da vida do campo, valorizando o espaço com sua cultura. A criança ao chegar na escola ela já possui um conhecimento e uma cultura, então é de grande importância que o professor leve em consideração e respeite de uma forma que incluía os conhecimentos e trabalhe o desenvolvimento através disso.

### **3. PERCURSO METODOLÓGICO**

A pesquisa científica procura responder aos questionamentos que surgem ao longo da nossa existência, de problemas teóricos ou práticos do nosso cotidiano, nos envolve numa busca pelo conhecimento, por respostas, convicções e incertezas. Assim,

[...] o ato de pesquisa significa ir além da mera aparência, situando a importância dos desafios e incertezas de nosso tempo. Nesse sentido, à pesquisa vivenciada no processo pedagógico converte-se em um instrumento

que conduz o estudante a um diálogo criativo com dúvidas e interrogações, condição necessária para a formação cidadã. Portanto, pesquisar é lançar-se no desconhecido significando apostar na busca do novo (RAMALHO; MARQUES, s/a, p.3).

A pesquisa científica é de fundamental importância para a construção de novos conhecimentos, pois ela nos permite ir em busca de novos resultados, por meio da pesquisa temos a oportunidade de enxergar novos horizontes além de oferecer ao pesquisador um caminho de curiosidade e novas descobertas. Desta forma compreende-se que a pesquisa proporciona ao pesquisador um intenso estudo e reflexão críticas acerca da realidade estudada, colocando em questão os problemas que possam vir ocorrer, e também possibilita novas hipóteses e constrói novos conhecimentos.

O presente projeto foi desenvolvido através da pesquisa qualitativa com a coleta de dados para identificar aspectos da realidade estudada que contribuirá para a compreensão acerca da organização da prática pedagógica na educação do Campo na da Escola Municipal Prof<sup>a</sup> Marluce de Carvalho Lobato de Souza, localizada na comunidade Santa Maria Auxiliadora, zona rural do município de Humaitá-AM, tendo por abordagem metodológica de cunho qualitativo, com o desenvolvimento da pesquisa bibliográfico, documental e pesquisa de campo. Dessa forma,

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela ocupa, nas Ciências Sociais, com nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (MINAYO 2010, p. 21).

Esse tipo de abordagem, nos possibilitar fazer um estudo com uma direção mais especificar e possibilitar conhecer a realidade levando em consideração todo a sua particularidade.

A pesquisa bibliográfica coloca frente a frente os desejos do pesquisado e os autores envolvidos em seu horizonte de interesse, pois a mesma é necessária para fundamentar o referencial teórico e embasar as análises dos dados. Outro tipo de pesquisa realizado foi a pesquisa documental, que é toda informação coletada que pode ser através da escrita, da imagem ou mesmo por áudio ou vídeos. Por fim, realizamos a pesquisa de campo, no qual

O trabalho de campo consiste em levar para pratica empírica a construção teórica elaborada na primeira etapa. Essa fase combina instrumentos de observação, entrevistas ou outras modalidades de comunicação e interlocução com os pesquisados, levantamento de material documental e outros. (MINAYO, 2009, p.26).



Na pesquisa de campo utilizamos como instrumento coleta de dados a entrevista semiestruturada que foi dividida em dois blocos: o bloco I foi utilizado para traçar o perfil dos participantes da pesquisa e o bloco II para captar a perspectiva das entrevistas sobre as práticas pedagógicas da escola do campo Municipal Prof.<sup>a</sup> Marluce de Carvalho Lobato de Souza.

Com a situação de pandemia, causada pela COVID-19, não foi possível realizar a observação direta na prática escolar, pois até o presente momento a referida escola não está desenvolvendo nenhuma atividade escolar presencial. Assim, realizamos as entrevistas com a Pedagoga e alguns professoras essas entrevistas foram realizadas por meio do eletrônico, através de email e whatsapp.

Por fim, realizamos a organização e análises dos dados coletados durante toda a pesquisa, baseada na perspectiva da teoria crítica da educação. Desafiando o comportamento crítico e pensando em uma teoria e uma prática emancipatória, pensando assim,

A aproximação com teoria crítica é necessária para compreender essa estrutura que está presente na racionalidade do mundo moderno e que gesta não só a independentização dos meios em relação aos fins, como também determina, em termos político-sociais, o lucro como critério orientador da ação. (HERMANN, p.99)

Sendo assim, nos trais a possibilidade de fazer uma análise criteriosa e levando em consideração a realidade dos pesquisados.

### **3.1 Participantes da Pesquisa**

Para a realização desta pesquisa foi necessário a colaboração de alguns participantes. Os participantes que fizeram parte desta pesquisa foram professores que estão no quadro de professores 2020 e duas que já fizeram parte do quadro da escola, porém não estão lotados nesta escola neste ano letivo de 2020 e a pedagoga. Sendo assim, participaram a pedagoga e 4 professores. Os sujeitos foram convidados a colaborarem com a pesquisa respondendo a entrevista via WhatsApp, e tiveram todas as informações sobre o objetivo da pesquisa e suas participações foram de forma voluntária.

## 4. ESCOLA DO IPIXUNA: UM ESTUDO CRÍTICO DA REALIDADE ESCOLAR

### 4.1 Contexto da Pesquisa

A presente pesquisa foi realizada em uma escola do campo, que se encontra localizada na comunidade Santa Maria auxiliadora, que se tornou um assentamento pelo Incra em 2009, localizada no município de Humaitá-AM na Br 230, conhecida como Transamazônica. Distante a 40 km da sede do município sentido Humaitá-Lábrea, segundo a informações de uma conversa informal com agente de saúde da comunidade, estão assentadas 133 famílias. Na imagem abaixo mostra a escola que realizamos o estudo.

Figura 3 - Escola Municipal Profª Marluce de C. Lobato de Souza



Fonte: Autora (2020)

### 4.2 Estrutura da Escola

#### *Estrutura Física*

A Escola Municipal Rural Professora Marluce de Carvalho Lobato de Souza tem a sua estrutura física em alvenaria sendo assim constituída: 02 (duas) salas de aula, 01 (uma) cozinha, (01) sala para secretaria que é utilizada como sala de aula, 01 (uma) despensa, 01 (uma) cozinha, 01 (uma) área de serviço, 02 (dois) banheiros, um pequeno pátio. A escola possui também uma

área externa ao ar livre, para prática de atividades de educação física e brincadeiras com os alunos.

Apesar da escola possuir uma estrutura física, não oferece espaços adequados para diversas atividades, como sala ampla para a educação infantil, o refeitório é pequeno e fica muito próximo dos banheiros, comprometendo a saúde do ambiente.

Mesmo a escola sendo localizada no contexto rural, ela deve oferecer condições apropriadas de infraestrutura física, pois o espaço físico faz parte do ambiente escolar e deve oferecer as condições adequadas para o professor desenvolver suas atividades, como espaço para a educação física, aulas extraclasse, recreação e etc.

Escola não é estacionamento de crianças. O espaço físico é material riquíssimo e está sendo desprezado. Nos projetos de construções escolares não há lugar para bibliotecas, laboratórios e quadras de esportes, o que limita as possibilidades de aprendizado (SOUZA LIMA, 1998, p. 31).

O espaço físico da escola deve sempre estar adequado às suas modalidades de ensino, pois não se restringe apenas a uma construção, deve ser um espaço destinado à produção do ensino e da aprendizagem.

### ***Estrutura Administrativa***

A Escola Municipal Rural Professora Marluce de Carvalho Lobato de Souza no ano letivo de 2020 dispõe da seguinte organização, em relação à sua equipe gestora: uma (01) gestora, uma (01) pedagoga, um (01) vigia, seis (06) professores, (02) serviços gerais e uma (01) merendeira.

Com relação aos funcionários a escola apresenta um quadro de funcionários que atende às suas necessidades educacionais, o que colabora para o desenvolvimento do trabalho educativo. Não foi nosso objetivo a gestão escolar, mas em algumas visitas de aula de campo verificamos que existe um diálogo entre a gestora e os funcionários de modo geral.

A Gestão, portanto, é que permite superar a limitação da fragmentação e da descontextualização e construir, pela óptica abrangente e interativa, a visão e orientação de conjunto, a partir da qual se desenvolvem ações articuladas e mais consistentes. Necessariamente, portanto, construir ação conjunta de trabalho participativo em equipe (LUCK, 2008, p.43).

Neste sentido, a referida escola apresenta um quadro de funcionários que permite a gestão desenvolver um trabalho satisfatório, dependendo de como conduzir o processo de ensino e de aprendizagem entre todos os seus membros.

### ***Estrutura Pedagógica***

A escola oferece vagas na educação infantil, ensino fundamental I e II e EJA. A escola possui um quadro de professores com graduação, o que facilita a compreensão do trabalho pedagógico, uma pedagoga que atende nos turnos matutino e vespertino, mas o noturno que oferece EJA não tem acompanhamento pedagógico adequado.

**Quadro 3:** *Alunos matriculados - 2020*

| Turma                      | Ano                           | Organização | Turno      | Nº de alunos |
|----------------------------|-------------------------------|-------------|------------|--------------|
| Turma<br>Educação Infantil | Educação Infantil<br>(4 anos) | Multissérie | Matutino   | 07           |
|                            | Educação Infantil<br>(5 anos) | Multissérie | Matutino   | 05           |
| Turma                      | 1º ano                        | Multissérie | Vespertino | 05           |
|                            | 2º ano                        | Multissérie | Vespertino | 07           |
| Turma                      | 3º ano                        | Multissérie | Vespertino | 04           |
|                            | 4º ano                        | Multissérie | Vespertino | 09           |
| ÚNICA                      | 5º ano                        | Turma única | Vespertino | 12           |
| Turma                      | 6º ano                        | Multissérie | Matutino   | 06           |
|                            | 7º ano                        | Multissérie | Matutino   | 07           |
| Turma                      | 8º ano                        | Multissérie | Matutino   | 03           |
|                            | 9º ano                        | Multissérie | Matutino   | 07           |
|                            |                               |             | Total      | 72           |

Fonte: Escola (2020)

Como podemos observar a escola oferece vagas desde a educação infantil até o ensino fundamental II. A organização da escola em turmas é multisseriada, apenas uma turma é regular.

Com relação a organização em sala multisseriadas, são justificadas pelo número de alunos por série. No entanto, esse tipo de organização exige do professor uma metodologia mais abrangente e capacitação para atuar neste formato de ensino.

A sala multisseriada poderia ser bem eficaz se os professores pudessem contar com os recursos necessários, apoio pedagógico, professor de apoio, curso de

formação inicial e continuada, além de condições de infraestrutura e material pedagógico (PAULA, 2017, p.28).

A escola oferece a Educação de Jovens e Adultos (EJA) para o turno noturno, como podemos verificar no quadro abaixo:

**Quadro 4:** *Alunos matriculados Ensino Fundamental EJA*

| Turma | Ano                               | Turma/Fase                               | Turno   | Nº de alunos |
|-------|-----------------------------------|--|---------|--------------|
| ÚNICA | 1º Ano<br>(Ensino Fundamental I)  | 1º Segmento<br>Turma única anos iniciais | Noturno | 04           |
|       | 2º Ano<br>(Ensino Fundamental I)  | 1º Segmento<br>Turma única anos iniciais | Noturno | 01           |
|       | 3º Ano<br>(Ensino Fundamental I)  | 1º Segmento<br>Turma única anos iniciais | Noturno | 02           |
|       | 5º Ano<br>(Ensino Fundamental I)  | 2º Segmento<br>Turma única anos finais   | Noturno | 04           |
| ÚNICA | 6º Ano<br>(Ensino Fundamental II) | 2º Segmento<br>Turma única anos finais   | Noturno | 05           |
|       | 7º Ano<br>(Ensino Fundamental II) | 2º Segmento<br>Turma única anos finais   | Noturno | 02           |
|       |                                   |  |         | 18           |

Fonte: Escola (2020)

A Educação de Jovens e Adultos se configura com uma etapa da educação básica, destinada a pessoas que não tiveram acesso e/ou não conseguiram dar continuidade nos seus estudos na idade correta. Por isso, a EJA é de fundamental importância para os que mais pobres, pois é uma oportunidade de completar sua educação básica.

#### **4.3 Práticas Pedagógica na Escola Municipal Profª Marluce de Carvalho Lobato de Souza**

Por motivo da pandemia do covid-19, não foi possível irmos a campo diretamente na escola. Mas através de um roteiro de perguntas elaboradas, usando um aplicativo *google forms*, um formulário onde é possível elaborar perguntas objetivas ou descritivas. Essas perguntas foram enviadas usando a ferramenta WhatsApp, que por um aparelho de celular com acesso à

internet os participantes responderam a entrevista e, assim, conseguimos alguns dados relacionados às práticas pedagógicas, infraestrutura, merenda escola e meio ambiente.

Discorremos a partir das análises dos dados extraído das falas e escritas das participantes sobre o que as práticas pedagógicas evidenciaram. Optou-se por fazer a análise das narrativas separada por tema dos eixos abordados e divididas em duas partes. A primeira será aprestada a análise de dados da pedagoga e na segunda parte das 4 professoras que se disponibilizaram o seu tempo para nós responde.

Para darmos início a análise começaremos com as perguntas e respostas voltadas para pedagoga que possui uma carga horária de trabalho de 40h no turno matutino e vespertino e atende o ensino fundamental I e II. O pedagogo é parte integrante do processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Pois,

O pedagogo é aquele que domina sistemática e intencionalmente as formas de organização do processo de formação cultural que se dá no interior das escolas. [...] daí a necessidade de um espaço organizado de forma sistemática com o objetivo de possibilitar o acesso à cultura erudita (SAVIANI, 1985, p. 28).

Por entendemos a importância deste profissional no ambiente escolar e por fazemos um estudo voltado as práticas pedagógicas solicitamos a participação da pedagoga da escola, pois é ela quem deve articular coletivamente as ações na escola, de forma, que todos se envolvam e participem ativamente no processo ensino e aprendizagem. Então formulamos algumas perguntas para a pedagoga da escola.

Indagamos como era a **construção do planejamento** e obtivemos a seguinte resposta:

*“O planejamento da escola é construído junto com os professores sim. Todas as decisões, na verdade todas as ações da escola fazem juntos. Nós nos reunimos. Por exemplo eu trabalho com o fundamental I e II. Então eu converso com a professora de educação infantil, pois só tem uma professora. Depois eu reúno com os professores do ensino fundamental I e II, nós tiramos ali, por exemplo, já deixamos no calendário da escola aquele dia da reunião do planejamento. Eu procuro ter esse cuidado de analisar com eles situações que são de conjuntas e mais específicas (Pedagoga)”.*

Podemos perceber através desse relato perceber a preocupação da pedagoga com a participação e o trabalho em conjunto, isso é muito importante no ambiente escolar. Luckesi (1992, p.121) “[...] planejar é um conjunto de ações coordenadas visando atingir os resultados

previstos de forma mais eficiente e econômica”. Uma equipe bem articulada pode desenvolver um trabalho mais direcionado para os objetivos propostos na escola.

[...]planejar é elaborar o plano de intervenção na realidade, aliando às exigências de intencionalidade de colocação em ação, é um processo mental, de reflexão, de decisão, por sua vez, não uma reflexão qualquer, mas grávida de intenções na realidade (VASCONCELLOS, 2000, p.43)

Desse modo a prática pedagógica pode ser mais eficaz e obter sucesso na escolarização de seus alunos. Outra pergunta direcionada foi sobre o projeto político pedagógico (PPP) e a mesma nos respondeu:

*“Bom, a escola não tem PPP. A escola nessa estrutura que tá hoje, atendendo fundamental I e II. Esse seria o 3º ano dela (escola), como já falei eu iniciei o trabalho ano passado. E ano passado teve muitas situações que não foi possível concluir o ppp. Esse ano na nossa reunião tivemos nosso momento de semana pedagógica na escola e o ppp seria uma das nossas prioridades, tanto o ppp como a criação da APMC. Mas infelizmente devido a pandemia nós não conseguimos fazer aquilo que a gente planejou, certo? Que era construir, fazer a construção do ppp e da apmc. Sabemos que é um documento muito importante e norteado para dentro da instituição. Mais infelizmente não conseguimos construir essa meta (Pedagoga)”.*

É visível que a pedagoga e professores entendem a importância o PPP para direcionar e coordenar todo o trabalho escolar, procurando alcançar as metas e objetivos traçados por toda a comunidade escolar, o PPP deve nortear o desenvolvimento para ensinar com qualidade, porém devido os imprevistos a escola ainda não conseguiu construir esse documento. Assim, de acordo com Veiga (1995, p.18), “[...] para alcançar os resultados esperados é necessário a participação coletiva de todos os seguimentos da escola”. Diante disso,

O Projeto Político-Pedagógico é um instrumento de trabalho que mostra o que vai ser feito, quando, de que maneira, por quem, para chegar a que resultados. Além disso, explicita uma filosofia e harmoniza as diretrizes da educação nacional com a realidade da escola, traduzindo sua autonomia e definindo seu compromisso com a clientela. É a valorização da identidade da escola e um chamamento à responsabilidade dos agentes com as racionalidades interna e externa. Esta ideia implica a necessidade de uma relação contratual, isto é, o projeto deve ser aceito por todos os envolvidos, daí a importância de que seja elaborado participativa e democraticamente (NEVES 1995, p. 110).

O PPP deve ser o documento norteador das ações e diretrizes da escola, por isso é importante uma construção coletiva dos diversos atores deste processo de ensinar e aprender.

Continuado as perguntas, questionamos sobre quem **acompanha a EJA**, uma vez que ela é pedagoga só no turno matutino e vespertino, e obtivemos a seguinte resposta:

*“O sobre a EJA, eu iniciei na escola ano passado, e quem acompanhava era a gestora e eu dava um suporte no que ela me pedia. Mas minha responsabilidade mesmo era com o turno da manhã e da tarde, ou seja, fundamental I e II (Pedagoga)”*.

Entendemos que para que seja possível uma educação de qualidade seja ela ensino regular ou educação de jovens e adultos é necessário criar condições apropriadas de atendimento conforme a necessidade e realidade do educando, seus interesses e condições de vida e de trabalho, conforme expresso na LDB e é necessário que a EJA tenha um acompanhamento específico, o que geralmente falta na maiorias das escolas do campo, por tanto a mesma não tem sido diferente nesse ponto.

Quando indagamos **sobre início das aulas nesse ano letivo de 2020**, obtivemos a seguinte resposta:

*“Então, sobre o ano letivo, ele não iniciou. Nós estávamos na escola, na semana pedagógica, quando recebemos o decreto da prefeitura suspendendo todas as atividades presenciais. Infelizmente não iniciamos com os alunos. Isso é um problema porque, não por causa da pandemia. Mais, eu estou a pouco tempo na educação e o ano letivo no campo ele sempre começa depois do urbano. Não é que eu quero dizer que ele deve inicia igual não. É por conta que o calendário inclusive tem que ser diferenciado. Mas é por questões de organização deles mesmo, questões administrativas, contratação de professores e tudo mais. Acabam que não se organizam no ano anterior e iniciam tudo muito próximo do ano letivo. Então isso atrasar ainda mais o início das aulas (Pedagoga)”*.

Podemos perceber que por causa da pandemia as aulas nas escolas do campo, não somente na escola que realizamos a pesquisa, como também nas demais escolas do campo, não chegaram a iniciar as suas aulas, somente agora (em novembro) que elas começaram fazer algumas atividades impressas, isso faz com que todos saiam prejudicados, principalmente os alunos. Entendemos que é muito difícil realizar algumas atividades nesta situação de pandemia, mas penso que a secretaria poderia ter organizado cursos de formação online para os professores, principalmente, com relação as metodologias. Como também a pedagoga nos relatar que um dos motivos de as aulas começarem mais tarde do que na cidade é, mas por falta de organização do que devido a diferença da realidade.

Continuando nossa análise, indagamos sobre a **merenda escolar**, se existe algum acompanhamento, se ela vem regulamente e como tem sido agora em meio a uma pandemia, ela nos respondeu:

*“Bom, a questão da merenda escola ela vem certinho. Nunca atrasou, as crianças nunca ficaram sem merenda. E ela contém alimentos industrializados salsicha em lata, alimentos que sabemos que não é saudável. Certo? Vem frango. Infelizmente, a nossa merenda é diferente da cidade. O argumento que eles utilizar é por questão do armazenamento do alimento, porque nem sempre tem um freezer e as vezes falta*



*energia. E as vezes por exemplo na cidade as crianças recebem iogurte, recebem frutas. Então assim não é uma desculpa, mais é uma justificativa que eles utilizar e que acredito que precisa ser planejado por parte do próprio setor de alimentação. Porque assim, as crianças do campo merecem recebe frutas na sua alimentação e agricultura família e responsável de em caso de oferece esses produtos, né. Tem muitos produtores rurais que oferece, mais a nossa escola não receber alimentos que são do programa nacional da alimentação escola. Que faz, eu acredito que não seja essa a palavra, mas a licitação o convém com os agricultores rurais para fornece frutas, verduras essas coisas. Eles fornecer para cidade certinho, nas alimentações das crianças da cidade tem frutas, verduras. E até porque é por semana que vai essas merendas. O nosso caso ela vai para cada 2 meses. E então eles utilizar esse argumento que é o armazenamento. Por exemplo na nossa escola tem energia 24h mais as vezes falta, as vezes falta o dia inteiro e as vezes faltar até dois dias, então eles falam que é a preocupação de não estragar. Continuado sobre a merenda, como ela tem sido nessa pandemia. Eu acompanhei uma entrega da merenda, que foi de março e abril. Na segunda entregar eu não posso estar por questão de saúde. Maio e julho tiveram entrega de merenda, e de julho até agora não aconteceu nenhuma entregar de merenda (Pedagoga)”.*

Ficar nítido que as crianças do campo precisam e tem direito a uma alimentação saudável e equilibrada e faltar um pouco de organização para solucionar essa questão que eles, segundo a pedagoga usam como argumento. Embora que nunca faltou a merenda na escola e até mesmo no momento que estamos vivendo ela tem sido entregue. Porém necessita de uma melhoria na alimentação das crianças.

Perguntamos, em seguida, se está sendo feita alguma **atividade com os alunos** ou se foi feita, ela nos relatou que:

*“Iniciamos sim as nossas atividades, inclusive foi uma situação muito nova, muito complexa. Que a gente no início fomos resistente, pela questão do ensino, por nos acreditar que o ensino não se resume. Nós estamos fazendo nossas atividades com material impresso, eu falo nos, porque nos pedagogos nos reunimos com o próprio concelho para verificar essa situação. Porque a gente não pensa no ensino dessa forma com atividades. Isso para gente não é ensino, mais enfim era uma possibilidade de estar de alguma forma assistindo os alunos. Então sim está sendo feita, realizada uma atividade com os alunos. Iniciou agora já no segundo semestre, mas ela está acontecendo (Pedagoga)”.*

Podemos perceber que os maiores prejudicados foram as crianças, não só por não ter tido aula no decorrer desse ano, mas por estar tendo agora atividades para ser realizadas em casa com seus pais e/ou responsáveis. Sabemos que nem todos são alfabetizados ou que terão tempo para auxiliar seus filhos em suas atividades. Afirmo isso pelo meu conhecimento de casos que tenho conhecimento dos alunos que moram próximos aos meus pais, e entre uma dúvida e outra eles vão até a minha casa inclusive tirar dúvida com a minha irmã ou pedem para meus pais tirarem fotos e enviarem para mim para que eu possa ajuda-los a fazer as atividades, na qual, acredito que tanto as crianças, como seus pais não estão tendo suporte nenhum para

realizar as atividades impressas. Isso é lamentável pois todos querem procurar sempre o culpado e nem sempre estão dispostos a procurar soluções ou maneira que possam ajudar.

Uma das perguntas direcionada a pedagoga foi sobre sua percepção de como é a **relação da direção com os pais, comunidade e professores**. E se o clima da escola é amistoso. E a resposta foi:

*“Sobre a questão da comunidade e professores. Sim ela tem uma boa relação com a comunidade e professores também. O clima da escola é amistoso sim. Ano passado trabalhamos tranquilamente não tivemos problema enquanto isso, esse ano até agora também, apesar de a gente está se encontrando, esses encontros)”*.

Aparentemente com base nesses últimos relatos há uma falta de conexão entre escola e comunidade, até mesmo quem sabe, conhecer mais a realidade de seus alunos ou ter um olhar mais apurados para a realidade dos mesmos. Digo isso, a partir da minha experiência com essa comunidade e com base nas atividades que as crianças estão fazendo em casa e pude perceber também em algumas falas das professoras entrevistadas.

Outro questionamento foi sobre a **estrutura da escola**. Solicitei para comentar um pouco sobre se tinha quadra de esporte e obtivemos a seguinte resposta:

*“Sobre a estrutura. Não tem quadra de esporte, infelizmente. Área reservada para recreação eles fazem no campo da comunidade, agora que está sendo feito um campinho atrás da escola, o professor de educação física montou a quadra de vôlei atrás da escola. Eles utilizam o casarão que é o espaço da associação da comunidade. Então eles utilizam lá quando o sol tá muito quente e nos dias de chuva ou as atividades são realizadas dentro da sala de aula (Pedagoga)”*.

Ficar visível um dos maiores desafios na educação do campo ainda está muito relacionado a estrutura que é oferecido aos seus alunos, é como foi relatado as vezes elas têm até que se deslocar da escola para ir ao casarão da comunidade realizar suas atividades de educação física.

E ainda sobre a estrutura questionamos sobre o **espaço do refeitório**, se tinha e como era, então obtivemos a seguinte resposta:

*“A escola não tem refeitório, infelizmente. Não sei como é pensada esse projeto de escola, porque eles dizem que é padrão FNDE. Então não sei como eles pensam uma escola aonde não tem um refeitório, uma sala de professores. Se você pudesse entrar lá dentro você ia perceber que não tem. O refeitório na verdade, as crianças fazem as refeições dentro da sala de aula ou no espaço externa, que a gente tem uma mesa lá, que eles possam sentar e fazer suas refeições lá. Mais o espaço não é apropriado (Pedagoga)”*.

Por mais que a escola aparentemente pareça uma escola com uma infraestrutura boa por ser de alvenaria, mais como foi relatado pela pedagoga não tem refeitório e nem sala de

professores. Na minha percepção considerava a escola boa, até ter conhecimento desse fato, e infelizmente não conseguir fazer minhas observações de como seria um dia normal na escola e como as crianças faziam suas refeições. E a questão da merenda tanto sua alimentação quanto o lugar que elas realizam isso vai refletir no seu aprendizado. Pois, uma deficiência de infraestrutura nas escolas, segundo Satyro e Soares (2007) afeta diretamente a qualidade da educação. Assim,

Prédios e instalações inadequadas, a inexistência de bibliotecas, espaços esportivos e laboratórios, a falta de acesso a livros didáticos, materiais de leitura, a relação inadequada ao tamanho da sala de aula e o número de alunos, são problemas que influenciam diretamente no desempenho dos alunos (SATYRO E SOARES, 2007, p.07).

Por fim, indagamos sobre **educação infantil**. Uma vez que essa modalidade de ensino ela está classificada como turma multisseriada, de acordo com uns dados que a mesma já havia nos passado. Então ela nos foi mais específica nos dizendo um pouco sobre as turmas de educação infantil:

*“Bom as crianças da educação infantil. Estudam no turno da manhã. E só termos uma turma, devido a quantidade de alunos. Eu falei que são juntas no sentido que são 4 e 5 anos, que é pré I e pré II. Elas não são juntas das crianças maiores não (Pedagoga)”.*

Como podemos observar na resposta da pedagoga embora as crianças estejam em uma turma multisseriada, elas têm uma turma com crianças bem próximas das suas faixas etárias. Mas isso, por si só, não garante que as atividades e o ambiente da sala de aula estar adequado para essa etapa da educação básica.

A seguir vamos analisar as respostas de acordo com as perguntas que foram elaboradas para as professoras. Devido a pandemia tivemos que fazer essas entrevistas com duas professoras que não se encontram no quadro de professores atualmente, e optamos por elaborar a entrevista por meio de um formulário, no qual as respostas eram todas descritivas. Assim, as participantes tiveram a oportunidade de se expressarem livremente sobre os temas abordados em seus tempos livres e oportuniza-las a exporem seus pensamentos, suas ideias e suas reflexões.

Os dados analisados a seguir emergido nas narrativas das professoras do campo e que atuam na rede pública municipal em Humaitá/AM. São professoras do ensino fundamental I e II e da EJA, possuem entre 2 a 6 anos na profissão como docente nas escolas do campo, porém as entrevistadas têm entre 2 a 3 anos na escola que é voltada a nossa pesquisa.

Podemos constatar que essas professoras possuem pouca experiência tanto na educação como, efetivamente, na escola do contexto do campo. Segundo Gomes (2010) algumas pesquisas sobre a constituição do ser professor afirmam que a maioria dos professores adquiriram um comportamento dentro da escola partindo da experiência que são vivências no ambiente escolar.

Nas perguntas elaboradas para traçar o perfil do pesquisado, **perguntamos sobre sua formação**, e obtivemos a seguintes respostas:

*“P1: Licenciatura em Pedagogia e pós graduada em psicopedagogia clínica e institucional”.*

*“P2: Normal superior”.*

*“P3: Pedagogia”.*

*“P4: Licenciatura em Ciências: Matemática e Física”.*

É importante ressaltar com base nas respostas obtidas, cada professor deve trabalhar em suas áreas de formação ou que busquem uma formação continuada, para atuarem na escola do campo. Pois, ainda no ano de 2020, muitos professores que trabalham em escolas localizadas em contexto rural não possuem formação específica na sua área de atuação.

Quando perguntamos sobre **os Desafios na sua Profissão na Educação do Campo**, obtivemos a seguintes respostas:

*“P1: Os desafios que encontro é a falta de material didático para trabalhar. Algumas vezes o descaso de alguns pais em mandar os filhos para a escola, tirando-o da escola para levar para o sítio, para a roça e até mesmo para a cidade. Outra situação é falta de compromisso dos pais em ajudar os filhos nas atividades para casa”.*

*“P2: Muitos. Infraestrutura, transporte escola para os professores e moradia”.*

*“P3: Os desafios são vários, entre os quais os principais são: O acesso à escola na época do inverno, muita lama, não ter condução para levar os professores que muitas depende de carona e maioria das vezes tira do bolso para pagar táxi, moto táxi, e quando não, tem que se arriscar na estrada com seu veículo, arriscando a vida e a danificar o mesmo; moradia, na qual a que tem é precária, não oferece segurança e nem o mínimo de conforto para o professor, para se manter no polo tem que tirar do bolso para comprar seus mantimentos, além de que precisa saber conviver, porque no local que moram todos juntos, se não souber, surta; dificuldades voltados para escola são, estruturas pedagógicas que não temos suficientes para trabalhar, principalmente eu como professora de educação infantil, que precisamos muito, tinha que tirar do bolso sempre, para fazer acontecer”.*

*“P4: Os desafios são muitos, mas citarei os que mais afetam a profissão de forma geral. Tais como: O ensino multisseriado; a falta de energia elétrica principalmente para a turma do EJA que tinham aulas no período noturno; a falta de participação dos pais na vida escolar dos seus filhos; o próprio interesse dos alunos em estudar. Em meio tantas dificuldades essas são as que afetam o ensino e aprendizagem dos alunos no campo”.*

Nos relatos dessas professoras podemos inferir que as professoras sabem lidar com as situações adversas da profissão, seja por falta da infraestrutura, transporte, ensino multisseriado, falta de energia, dentre outros, elas relataram, ainda, que estão em constante adaptação. Por isso,

[...] os conhecimentos profissionais são evolutivos e progressivos [...]. Os profissionais devem assim autoformar-se e reciclar-se através de diferentes meios, após seus estudos universitários iniciais [...] a formação profissional ocupa uma boa parte da carreira e os conhecimentos profissionais partilham com os conhecimentos científicos e técnicos a propriedade de serem revisáveis, criticáveis e passíveis de aperfeiçoamento. (TARDIF, 2002, p.249).

Sobre se **identificar com a realidade da População do Campo**, obtivemos a seguintes respostas:

*“P1: Algumas realidades do campo não são tão diferentes de algumas realidades voltadas para a cidade especificamente relacionadas ao compromisso dos pais”.*

*“P2: Sim. Porque tive o início da minha vida de estudante em comunidade afastada da sede”.*

*“P3: Não. Pois a população dessa comunidade, precisa acordar para vida, pois tem a oportunidade, devido ao povoado ser próximo da cidade, mais se acomodam com a vida que tem, e não correm em busca de seus sonhos e melhores situações de vida”.*

*“P4: Não me identifico, pois a experiência que tive me mostrou que eles veem o futuro de uma forma diferente da que vejo. Percebi que muitos alunos que estão na escola talvez por falta de motivação da própria família ou pela própria cultura deles que estudar não é tão importante assim. Não vi interesse em mudança, em buscar mudar de vida. Não que viver lá seja um ponto negativo. Mas eu adolescente sonhava com coisas que não vi nos meus alunos. A vida não teria significado e eu não teria realizado sonhos se eu não sonhasse. Gostaria de vê-los indo além da vida que eles têm, mas é importante ressaltar sem esquecer suas raízes. Falta mais motivação para que eles possam se dedicar mais aos estudos e que percebam que existe um mundo cheio de possibilidades. De certa forma eu sempre tentei motivar cada um deles. E desejo que eles mudem seus pensamentos e que tenham uma profissão”.*

Os professores que atuam no contexto rural, devem se comprometer com uma educação voltada para a realidade do contexto em que se encontram inseridos. É necessário que professores com a educação busquem se identificar com realidade e respeitar o espaço e cultura de seus alunos.

O perfil de educador do campo exige uma compreensão ampliada de seu papel. É fundamental formar educadores das próprias comunidades rurais, que não só as conheçam e valorizem, mas, principalmente, que sejam capazes de compreender os processos de reprodução social dos sujeitos do campo e que se coloquem junto às comunidades rurais em seus processos de luta e resistência para permanência na terra (MOLINA; FREITAS, 2011, p.28).

Educar povos do campo não é simplesmente só ensina a ler, escrever e conta, acredito que é também buscar se identificar e fazer a diferença naquela comunidade, mesmo que você não seja oriunda da zona rural. Pois quando você aceita trabalhar nessas escolas, você tem a

obrigação de compreender a realidade e favorecer uma mudança de atitudes que possa trazer mais autonomia. Isso pode melhorar muito a vida no contexto rural.

Perguntamos sobre a **Práticas Pedagógicas** que mais costumam serem utilizadas em suas aulas:

*“P1: Atividades impressas, atividades no quadro, vídeos e jogos pedagógicos”.*

*“P2: Aulas explicativa é prática”.*

*“P3: Atividades dirigidas, referente ao conteúdo proporcionado”.*

*“P3: A princípio sempre tentei fazer aulas dinâmicas onde o aluno pudesse construir seu conhecimento. No entanto o uso de quadro e pincel para a abordagem dos conteúdos não deixa de estar presente nas aulas. Sempre busco fazer o planejamento e conforme a necessidade vou fazendo mudanças. O uso de jogos tentei inserir no planejamento. Mas como os alunos não estão acostumados com aulas dinâmicas é mais complicado o professor trabalhar com isso. Porém sempre é importante tentar e se adequada as dificuldades que aparecem no caminho. E é importante ressaltar que nós professores estamos em uma busca constante pelo conhecimento e que podemos construir tudo com os alunos. Fazendo com que eles participem das aulas e busquem sanar suas dúvidas”.*

De acordo com as práticas pedagógicas que elas apresentaram, e importante ressaltar a importância da teoria e prática nas aulas, por mais que de início não tenha causado um certo interesse nos alunos. Pois um dos objetivos de se ter a prática e busca tem significado na sua ação pedagógica, despertar o interesse por certos assuntos, pois se não há interesse, não há participação e desta forma tornou-se difícil a aprendizagem. Como (2011) afirma que;

Fazendo a análise da escola de hoje, parece que ela não percebeu ainda a mudança de rumos que se exige da educação, isto é, a necessidade de se deslocar o foco da simples aquisição de conteúdos para então focalizar o desenvolvimento de competências e correspondentes habilidades. (MORETTO 2011, p. 12).

É muito importante as professoras do campo possam compreender isso, para trabalhar as competências e habilidades em suas aulas, elaborar suas práticas pedagógicas sempre pensando no seu espaço e no tempo da comunidade.

Aprendemos ainda na graduação, que é importante tanto para despertar o interesse dos alunos e ensinar um determinado assunto, é partir da sua realidade. Então questionamos se **os professores(a) utiliza exemplos do dia a dia dos alunos na abordagem dos conteúdos em sala de aula**, obtivemos as seguintes respostas:

*“P1: Sim. Faço com que as crianças relatem o seu dia a dia, da sua família e parentes. Algumas vezes eles demonstram realizando em sala através das histórias que contam”.*

*“P2: sim”.*

*“P3: Nem sempre”.*

*“P4: Sim! Sou professora de matemática e vejo ela em tudo. Tudo dentro da sala e fora dela pode ser usado para aplicações de conteúdo. E para desenvolver é muito*

*simples, planeja-se a aula e ver o que se aplicaria o uso daquilo no cotidiano do aluno. Existe coisa melhor em ver na sua vida a importância de estudar algo? O assunto fica até mais interessante. Até a quantidade de alunos e os nomes deles podem ser usados para ensinar sequência, grupos e muitos outros assuntos. É importante ressaltar que nem sempre será possível contextualizar, mas tudo que for possível mostrar uma aplicação sempre bem-vinda”.*

Podemos perceber que a P2 e P3 foram bem curtas e francas com suas respostas, podemos observar que o problema não está sempre no aluno que é “preguiçoso ou que tá acomodado”, uma vez que a prática de ensino utilizado em sala de aula vai refletir no aprendizado do aluno, como ele aprendeu, por tanto professores do campo não devem se acomodar. Deve ensinar a valorizar **o espaço que seus alunos vivem, como cuidar do meio ambiente**. Inclusive essa foi um tema que perguntamos as professoras, e obtemos a seguintes respostas:

*“P1: Com certeza. Sempre os alunos são orientados a cuidar do espaço onde eles moram”.*

*“P2: Com certeza. Sim”.*

*“P3: Em primeiro lugar os professores da escola são profissionais que levam a sério seu trabalho, procuram fazer seu melhor pelo ensino. Mais em relação as crianças eu percebo que sim, já os jovens não levam muito a sério essa linha de pensamento”.*

*“P4: Não. Os livros didáticos deveriam enfatizar a realidade que eles vivem e isso não acontece”.*

A P1, P2 E P3 afirmam que sim, embora uma delas relata que os jovens não tenham muito essa educação ambiental, enquanto a P4 nos enfatizar a falta dessas abordagens no livro didático.

Então questionamos sobre a opinião delas, se **acreditam que os alunos são orientados desde cedo a cuidar do meio onde vivem, seja pela escola ou a família**. Obtivemos a seguintes respostas:

*“P1: Acredito que a maioria das orientações sobre cuidar do meio onde vivem é esplanada na escola”.*

*“P2: Sim. Mas acredito que essa orientação vem sempre da escola”.*

*“P3: Bem em relação a família eu creio que nem todos seguem essa linha de pensamento, mais na sala de aula os professores conversam muito sobre isso”.*

*“P4: A escola sempre os apresenta o cuidado para terem com o lugar em que vivem. É difícil pontuar quanto os seus pais os ensinam sobre isso”.*

Podemos inferir sobre essas falas que as orientações que elas recebem são sempre na escola, acredito eu que seria um caso de trabalho não só com os alunos mais também com a família uma vez que a educação precisa se via de mão dupla, no entanto essa seria uma maneira de trabalhar com a família para assim ter um retorno com as crianças com mais sucesso na sua aprendizagem.

Segundo Segura (2001, p. 21) “A escola foi um dos primeiros espaços a absorver esse processo de “ambientalização” da sociedade, recebendo a sua cota de responsabilidade para melhorar a qualidade de vida da população, por meio de informação e conscientização”.

**Sobre como é abordado o meio ambiente em suas aulas.** Elas nos relataram:

*“P1: Através das aulas teóricas, cartazes, vídeos e as aulas práticas”.*

*“P2: Com aulas explicativas e exposta e práticas na comunidade”.*

*“P3: Com aulas explicativas e demonstrativas”.*

*“P4: Acredito que meio ambiente é uma questão bem ampla na qual pode retratar desde a sala de aula, a comunidade inteira, a cidade, o estado e tudo que estar e faz parte do meio que o aluno vive. Mas sempre tentei mostrar em minhas aulas assuntos nos quais eu mostrei aos alunos a própria realidade deles. Inclusive nas aulas do EJA de ciências usávamos o próprio ambiente da comunidade para fazer explicações. Assim como falar sobre a distância de Humaitá ao Ipixuna, o tempo gasto na viagem. O clima dentro da sala de aula quando o ar-condicionado estava ligado, usava a temperatura em graus para abordar a importância de se estudar números inteiros e assim vamos inserindo correlações do meio com conteúdo a serem estudados”.*

Muito interessante como as professoras abordam esse tema, o tema em se oportunizar que o docente possa usar várias praticas pedagógica de ensino, inclusive a própria realidade do aluno e valorizar o espaço que eles vivem e cuida principalmente.

**Sobre o Currículo Oficial a ser seguindo, específico para a Escola do Campo,** elas nos relatam o seguinte:

*“P1: Não temos. Alguns livros que são ofertados para a escola do campo não apresenta a realidade da nossa região, devido a isso muitas vezes não utilizamos. Pelo que eu soube o currículo para esse ano de 2020 seria unificado tanto para a escola da cidade quanto para a escola do campo”*

*“P2: Sim. Mas nem todas as vezes seguimos à risca. Por que muitas vezes não coincidem com a realidade do educando”.*

*“P3: Se existe eu desconheço”.*

*“P4: Não”.*

Podemos inferir que duas das professoras não tem conhecimento, e 2 professoras nos faz referências a livros ou que nem sempre elas seguem por nem sempre ter conexão com a realidade dos alunos. Por fim, perguntamos das professoras **como ocorre a relação família-escola-comunidade.** Obtivemos a seguintes respostas:

*“P1: Os pais são sempre bem recebidos na escola, tanto para visitar, quanto para conversar, reclamar e etc. Enquanto professora, os pais são prestativos, sempre participativos em reuniões, eventos da escola é etc”.*

*“P2: Não do jeito que nós professores queríamos, ainda existe uma barreira muito grande”.*

*“P3: Ocorre de maneira equilibrada”.*

*“P4: É bem difícil, mas se tratando da realidade em que vivenciei digo que é uma relação deficiente. São raros os pais que participam da vida escolar de seus filhos na*



*comunidade. A equipe da escola busca sempre ter essa relação. Porém a participação da família está longe de ser o que nós professores buscamos para que funcione esse tripé da educação. Nosso desejo é que haja mais preocupação da família e principalmente da comunidade inteira com a educação dos jovens da comunidade. Quando isso for alcançado com certeza teremos uma aprendizagem mais significativa”.*

Constatou-se que ainda embora essa relação família-escola-comunidade consiga manter uma relação, existem alguns desafios como já vinha citado ao analisa a resposta da pedagoga. Por tanto essa relação devem estar sempre sendo trabalhada para o progresso da educação na escola e até mesmo da comunidade.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As escolas do campo sofrem muito com a precariedade a anos e em todos os sentidos, não apenas na sua infraestrutura como sempre é muito citado quando se trata da educação do campo. Este estudo contribui com a construção de saberes históricos na Educação do Campo em diversos contextos como no Brasil, no Amazonas e no município de Humaitá e um pouco da realidade que vive a comunidade Santa Maria Auxiliadora-Ipixuna.

Ao finalizar esse estudo, percebe-se que a educação do campo ainda carrega muitos marcos e problemáticas históricas que professores do campo devem buscar sempre pensar na formação dos alunos e valorizar seus espaços. Em relação à escola, embora não tivéssemos a oportunidade de fazer observações em um dia normal letivo devido à pandemia, podemos dizer que a mesma possui aparentemente uma boa infraestrutura por ser de alvenaria, mas ainda falta setores básicos na escola como por exemplo um refeitório, salas maiores e entre outros e principalmente um currículo adequado.

Pelos relatos da pedagoga e professoras que participaram desse estudo, podemos perceber que a educação requer um desenvolvimento nas práticas pedagógicas que possibilitem tanto educador como educando se manterem motivados, pois há professores que não se identificam com a proposta de educação do campo e não conseguem manter uma boa relação com a comunidade escolar, e isso vem dificultando no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. O presente estudo nos proporcionou um vasto conhecimento sobre as práticas pedagógicas da Escola Municipal Prof<sup>a</sup> Marluce de Carvalho Lobato de Souza, nos possibilitou a conhecer um pouco da instituição.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL. **Constituição** (1998). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRUNO PUCCI (Orgs.). **Teoria Crítica e Educação**. A questão da formação cultural na escola de Frankfurt. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CALDART, Roseli S. PEREIRA, Isabel Brasil. ALENTEJANO, Paulo. FRIGOTTO, GAUDÊNCIO. [Orgs.]. **Dicionário da Educação do Campo**. Expressão Popular, 2012.

\_\_\_\_\_. **Por uma Educação do campo**: Traços de uma identidade. In: Kolling, Edgar Jorge et all (org). Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas. Coleção Por uma educação do campo. nº 04, Brasília: DF. Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2002.

GOMES, Ana Clara. **Constituir-se professor**: a influência da história de vida e das práticas pedagógicas na formação docente. In: Seminário de Pesquisa do NUPEPE, 2. 2010, Uberlândia. Anais... [S.l.: s.n.], 2010.

LUCKESI, C.C. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?** In.: Revista Pátio. Porto alegre: ARTMED. Ano 3, n. 12 fev./abr. 2000.

\_\_\_\_\_. **Planejamento e Avaliação escolar**: articulação e necessária determinação ideológica. In: BORGES, S.A. O diretor articulador do projeto da escola. Revista Ideia 15. São Paulo: FDE, 1992

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MORETTO, Vasco Pedro. **Construtivismo**: A produção do conhecimento em aula. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

MOLINA, Mônica Castagna e FREITAS, Helana Célia de Abreu. **Avanços e desafios na construção da educação do campo**. Em Aberto, Brasília, v. 24, n. 85, p. 17-31, abr. 2011;

NEVES, Carmen Moreira de Castro. **Autonomia da Escola Pública**: Um Enfoque operacional. In VEIGA, I. P. A. da. Projeto Político Pedagógico da Escola: Uma Construção Possível. 11. Ed. Campinas, SP : Papirus, 1995, p.95-129.

SATYRO, Natália; SOARES, Sergei. **A infraestrutura das escolas brasileiras de ensino fundamental**: um estudo com base nos censos escolares de 1997 a 2005. Brasília: IPEA, 2007.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. 38.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SOUZA LIMA, M. W. **Espaços educativos**: usos e construções. Brasília: MEC, 1998.

TARDIF, M.. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SEGURA, Denise de S. Baena. **Educação Ambiental na escola pública**: da curiosidade ingênua à consciência crítica. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001. 214p.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico**. 9 ed. São Paulo: Libertad, 2000.

VEIGA, Ilma Passos . Perspectivas para reflexão em torno do Projeto Político Pedagógico. In: VEIGA, Ilma Passos; RESENDE, Lúcia Maria G. de (orgs). **Escola: Espaço do Projeto Político-Pedagógico**. Campinas, SP: Papirus, 1998.